

# REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA ADOLESCENTE FEMININA ACERCA DA SEXUALIDADE EM TEMPO DE AIDS

## *SOCIAL REPRESENTATIONS OF THE FEMALE TEENAGER CONCERNING THE SEXUALITY IN AIDS TIME*

*Regina Lgia W Azevedo,<sup>1</sup> Aline A Fonseca,<sup>1</sup> Maria da Penha L Coutinho,<sup>2</sup> Ana Alayde W Saldanha<sup>3</sup>*

### RESUMO

**Introduo:** a sexualidade  um fenmeno inerente ao seu humano, e  na adolescência que começa a ser vivenciada com mais intensidade. **Objetivo:** apreender a Representao Social (RS) dos adolescentes do gênero feminino acerca da sexualidade, associada  aids. **Métodos:** a pesquisa foi desenvolvida em escolas públicas e privadas da cidade de João Pessoa/PB, com a participao de 110 adolescentes femininas, com idade entre 12 e 19 anos. Para a coleta dos dados foi utilizada a Técnica de Associao Livre de Palavras e estes, processados por meio do software Tri-Deux-Mots e analisados por meio da Análise Fatorial de Correspondência (AFC). **Resultados:** os resultados demonstraram que a aids está incorporada nos universos cognitivo e afetivo dos jovens, e  apreendida a partir de símbolos e significados que compõem suas relaes sociais, e que articular representaes sociais, relaes de gênero, vulnerabilidade e práticas de preveno da aids  se defrontar com um todo não homogêneo, no qual estão expressas contradies, similaridades, cognio, afeio, emoes, racionalidade e muitas outras condies que estão presentes no seu cotidiano e que aumentam a vulnerabilidade  infeco de DST/aids. Foram identificadas as RS das adolescentes do gênero feminino acerca da sexualidade, associando-as a questões da vulnerabilidade ao HIV/aids, levando-se em considerao os elementos das suas esferas cognitiva, afetiva e social. **Conclusão:** observou-se que, ainda que as adolescentes tenham conhecimento da aids e de suas formas de preveno, continuam em situao de vulnerabilidade devido aos aspectos psicológicos, socioeconômicos e culturais.

**Palavras-chave:** representaes sociais, adolescentes femininas, sexualidade, aids.

### ABSTRACT

**Introduction:** The sexuality is an inherent phenomenon to the human being, and it's in the adolescence that it starts to be lived deeply with more intensity. **Objective:** to apprehend the Social Representation of the adolescents of the female gender concerning the sexuality, associated with the aids. **Methods:** The research was developed in public and private schools of the city of João Pessoa/PB, with the participation of 110 feminine adolescents, with age between 12 and 19 years old. For the collection of the data the Free Technique of Association of Words was used and these words were processed through the software Tri-Deux-Mots and analyzed through the Factorial Analysis of Correspondence (AFC). **Results:** The results had demonstrated that aids is incorporated in the cognitive and affective universes of the young girls, that is apprehended from symbols and meanings that compose their social relations. Articulating social representations, practical relations of sort, vulnerability and of aids prevention is to confront with a heterogeneous whole, where contradictions, similarities, cognition, affection, emotions, rationality and many other conditions that are gifts in their daily and that increase the vulnerability to the infection of DST/aids are expressed. The Social Representation (RS) of the female gender adolescents concerning sexuality was identified associating them to questions of the vulnerability to the HIV/aids, taking the elements of their cognitive, affective and social spheres into consideration. **Conclusion:** It was observed that, although the adolescents have knowledge of aids and its forms of prevention, they continue in situation of vulnerability due to the psychological, social-economic and cultural aspects.

**Keywords:** social representations, female adolescents, sexuality, AIDS.

ISSN: 0103-0465

*DST – J bras Doenças Sex Transm 18(3): 204-210, 2006*

## INTRODUO

A adolescência  um período do desenvolvimento psicológico do ser humano, caracterizado como um processo complexo de metamorfoses entre a criança e o adulto, tendo suas manifestaes comportamentais dramaticamente variáveis, dependendo do mode-

lo de comportamento padronizado por cada cultura.<sup>1</sup> Em outras palavras, a adolescência  uma fase de mutao, na qual o adolescente atravessa barreiras sobre as quais ele nada pode dizer e na qual, para os adultos, ele  objeto de questionamento carregado de angústia e de total indulgência. Contudo, esta fase pode ser considerada ainda, um período de moratória psicossocial em que o individuo pode preparar-se para a autonomia ao mesmo tempo que ainda recebe da família apoio, proteo e orientao, e  menos exigido socialmente do que o adulto.  ainda, um período de dependência, no qual a pessoa ensaia modos de viver e de se relacionar com as demais, além de testar suas capacidades e limites.

Neste sentido, o aspecto biopsicossocial sofre forte influência nesta fase de mudanças. Na rea biológica, podem-se citar algumas mudanças físicas consideradas forte gerador de consequências psicológicas. Essas mudanças físicas estabelecem a diferenciao do conceito de puberdade e de adolescência, no qual a puberdade

<sup>1</sup>Universidade Federal da Paraíba, psicóloga clínica, mestranda em Psicologia Social, pesquisadora do Núcleo de Pesquisa: Aspectos Psicossociais de Preveno e Saúde Coletiva.

<sup>2</sup>Universidade Federal da Paraíba, Professora com pós-doutorado em Psicologia pela Universidade Aberta de Lisboa-Portugal/Programa de Pós-Graduao em Psicologia Social e coordenadora do Núcleo de Pesquisa: Aspectos Psicossociais de Preveno e Saúde Coletiva.

<sup>3</sup>Universidade Federal da Paraíba, professora com doutorado em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP-FFCLRP) e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa: Aspectos Psicossociais de Preveno e Saúde Coletiva.

marca a esfera da evolução do corpo biológico, ao passo que a adolescência compreende uma fase de evolução afetivo-emocional no indivíduo entre a sua infância e a vida adulta, na qual se inclui a puberdade.<sup>2</sup> As modificações corporais, o aparecimento de pêlos pubianos e axilares, o aumento de força muscular, a distribuição da gordura, a mudança da voz, o desenvolvimento dos seios, a primeira menstruação e a masturbação são elementos que exteriorizam as mudanças internas que muito acontecem nesta fase.<sup>3</sup>

Na finalização desses processos de mudança que ocorrem na puberdade, os corpos masculino e feminino se diferenciam de maneira bastante significativa, pois este processo de transformação física acontece devido a uma série de mecanismos hormonais responsáveis por um longo processo de modificações, apresentando um padrão diferente em ambos os sexos. Percebe-se, portanto, que mesmo se tratando da mesma fase de vida, a adolescência pode gerar conseqüências diferentes considerando a questão do gênero. Especificamente em relação ao sexo feminino, os primeiros sinais são o arredondamento dos quadris e o crescimento das mamas, juntamente com o surgimento dos pêlos púbicos. Ocorre também o crescimento do útero, da vagina, dos pequenos e grandes lábios e do clitóris, ocorrendo a menarca. Vale ressaltar que estes processos são produzidos de maneira lenta, tendo em média início entre os 10-11 anos e terminando pelos 14-16 anos de idade. Este fato mostra que o processo de mudança nas meninas acontece mais cedo e conseqüentemente termina mais rápido em comparação ao dos meninos.<sup>3</sup>

Em paralelo com estas mudanças físicas, surge o impacto desenvolvimental da puberdade, abrangendo reações psicológicas aos eventos destas mudanças. Em se tratando do gênero feminino especificamente, este tem suas atitudes e crenças acerca da primeira menstruação, denominada menarca, dependendo do contexto em que ela ocorra. Os pais têm papel fundamental neste acontecimento, pois, ao menstruar, a menina necessita de “pré-orientações” acerca do conceito e das mudanças ocorridas no seu corpo que está perdendo as características infantis para dar lugar à formação adulta. Neste sentido, algumas delas, por não terem estas orientações, ficam confusas e surpresas, enquanto outras têm uma reação mais positiva quando já possuem uma preparação.<sup>4</sup>

Estudos realizados por Cole e Cole<sup>4</sup> enfatizam que as meninas que amadurecem fisicamente cedo são mais maduras tanto do ponto de vista psicológico quanto do ponto de vista social, do que aquelas que amadurecem fisicamente mais tarde. Contudo, os teóricos ainda ressaltam que este amadurecimento precoce tem também o seu lado negativo, pois pode prejudicar estas jovens por terem tido um fim, também precoce, da sua infância, devido a não estarem totalmente preparadas para enfrentar as mudanças hormonais e sociais que ocorrem, o que gera angústia e melancolia. Considerando ainda o âmbito psíquico, percebe-se uma definição da identidade sexual nesta fase da vida, tendo como conseqüência a experimentação e variabilidade de parceiros. O pensamento abstrato, ainda incipiente nas meninas desta faixa etária, faz com que se sintam invulneráveis, expondo-se a riscos sem prever suas conseqüências.

Na área social, Campos<sup>5</sup> enfatiza que as adolescentes perdem direitos e privilégios de criança e começam a assumir direitos e responsabilidades de adulto, buscando seu papel na sociedade, sua identidade. Nesta formação de identidade incluem-se aspectos como o autoconceito e a auto-estima da adolescente, além do seu novo papel na sociedade. Neste contexto, Assis, Avanci, Santos e colaboradores<sup>6</sup> realizaram um estudo no qual foi investigado o autoconceito e a auto-estima de adolescentes das escolas públicas e particulares de uma cidade do estado do Rio de Janeiro, com o objetivo de co-

nhecer a representação social que aqueles adolescentes fazem de si próprios, tendo como resultado uma visão muito positiva de si mesmos. Esses autores afirmam que tanto o autoconceito quanto a auto-estima são a base da representação social que a adolescente tem de si mesma, tornando-se fenômenos responsáveis por outros, como por exemplo, a vulnerabilidade à aids, pois adolescentes com baixa auto-estima desenvolvem mecanismos que provavelmente distorcem a comunicação de seus pensamentos e sentimentos, dificultando a integração social e conseqüentemente abalando sua representação do mundo ao seu redor.

Sendo a adolescência este período de desenvolvimento cognitivo, emocional, físico e social, freqüentemente caracterizado pela exploração e experimentação, é também o momento inicial de exploração da intimidade, da sexualidade e do desenvolvimento de autonomia. Ao ir aceitando sua genitalidade, a adolescente inicia a busca do parceiro de maneira tímida, porém intensa, dando início aos contatos íntimos que preenchem a sua vida sexual. Por essas razões é, simultaneamente, segundo Canavarro e Morgado,<sup>7</sup> uma época de riscos, incluindo riscos cognitivos (distímias, depressão, ansiedade etc) e comportamentais (agressividade, uso de drogas, rebeldia etc), que podem levar à aquisição de novas vulnerabilidades, dentre elas a aids.

Para as meninas, a primeira relação sexual é relatada como dotada de grande expectativa, dando ênfase à problematização relativa à perda da virgindade, estando comumente interligada à perda do valor no mercado matrimonial e à categorização moral negativa.<sup>8</sup>

Neste mesmo sentido, Rieth<sup>9</sup> enfatiza que as jovens elegem os namorados como parceiros ideais, ancorando o sexo no contexto de uma relação amorosa e preocupando-se com a reputação, aguardando a iniciativa dos homens de as pedirem em namoro. “*Essas concepções são compartilhadas tanto pelas jovens já iniciadas sexualmente, como pelas virgens*”. Estes aspectos demonstram o quanto as adolescentes femininas valorizam o amor romântico, o respeito e a reputação, que, desde crianças, aprendem segundo modelos sociais.

Assim sendo, a sexualidade é um aspecto relevante, pois é uma das dimensões do ser humano que envolve gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução. Em decorrência, a jovem vem ocupando, nas últimas décadas, lugar de destaque no contexto de vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis (DST) e à aids, além de situações de gravidez indesejada e precoce. Este aspecto é confirmado por Taquette, Vilhena e Paula,<sup>10</sup> quando relatam e comprovam nas suas pesquisas que na adolescência as relações sexuais têm sido iniciadas cada vez mais cedo e com um maior número de parceiros, o que contribui para aumentar a ocorrência das DST, incluindo a aids.

É importante salientar o crescente número de adolescentes infectadas pela aids nos últimos tempos, visto estarem incluídas num grupo de alta vulnerabilidade. Em uma pesquisa de Silveira, Béria, Horta e Tomasi,<sup>11</sup> realizada em Pelotas/RS, constatou-se que as mulheres acham impossível ou quase impossível contrair DST/aids, como resultado de comportamentos de risco, como não uso de preservativo nas relações sexuais, início das relações sexuais antes dos 18 anos de idade, uso de álcool ou drogas pelo parceiro ou pela mulher antes da última relação etc. Este aspecto foi encontrado também numa das pesquisas de Alves, Kóvacs e colaboradores,<sup>12</sup> em Maringá/PR, realizada com mulheres já infectadas pelo HIV, mas que negavam tal infecção, expondo-se a relações sexuais desprotegidas, podendo adquirir uma gravidez indesejada e uma possível reinfeção.

Percebe-se assim, o impacto social causado pela aids em consequência do aumento da incidência de casos, especificamente nas jovens adolescentes. Por ser esta fase de transição e conflitos, na qual o comportamento sexual e os padrões reprodutivos estão altamente susceptíveis a influências da sociedade, a adolescência torna-se um período mais vulnerável a contrair DST, e assim, a sexualidade ganha ampla conotação dentro do contexto sociocultural e biológico no qual está inserida. Estudos anteriores também têm demonstrado que a diminuição da idade de início das práticas sexuais, o aumento do número de parceiros e a ausência do uso de preservativos, aliados a hábitos socioculturais e crenças, apresentam-se como fatores relevantes da vulnerabilidade, dificultando a quebra da cadeia de transmissão da aids.

No tocante à aids, esta vulnerabilidade da população é determinada por uma série de circunstâncias, que podem ser ordenadas em fatores que envolvem os planos individuais, programáticos e sociais, tendo este último um papel de grande relevância, pois é nele que ocorre as formas de comunicação e difusão em que a aids é sempre o conteúdo principal.

Com o advento da *internet*, com a globalização e a pouca censura nos meios de comunicação de massa, surge um apelo sexual freqüente e precoce, levando os jovens a experiências ainda incompreendidas por eles. Os adolescentes desejam ser adultos, falando como adultos e querendo se comportar como tal e ter os privilégios da maturidade. Contudo, para o significado real do envolvimento sexual, falta-lhes a experiência e a responsabilidade, e a aids passa a ser uma das consequências desastrosas desta situação atual.

Assim, é atribuído à adolescência o seu despreparo inicial para compreender e desfrutar da sua sexualidade; o seu sentimento ilusório de proteção e poder sobre a vida, minimizando os seus riscos e a sua eventual baixa auto-estima, manifestação de conflitos emocionais, relacionamentos instáveis com a família, amigos e namorados, justamente no momento de cobrança e definição do seu papel a ser assumido na vida em sociedade. Ademais, existe uma série de dificuldades a serem enfrentadas para tomar decisões, definir a própria identidade, afirmar-se diante do seu grupo e contemporizar a satisfação do desejo com a sua permissão social. Todos esses fatores influem diretamente na adoção ou não de hábitos saudáveis para a prevenção das DST e do HIV/aids. É primordial, portanto, promover e fortalecer a participação ativa da juventude no processo de sua educação.

Neste contexto, como base para este estudo, recorreu-se à teoria das Representações Sociais, pela sua importância na análise de aspectos psicossocioculturais que permeiam o processo saúde/doença e as práticas sociais relativas ao mesmo, bem como pelos atos de comunicação social e fenômenos coletivos que contribuem para a formação de condutas e de normas que regem o pensamento social. A teoria das Representações Sociais torna-se um fio condutor neste estudo, pois por intermédio dela tem-se a noção de como as jovens adolescentes apreendem estas informações que circulam pela mídia e demais veículos de comunicação; aspectos de essencial importância na formação das suas representações.

Partindo desses pressupostos, o presente estudo tem como objetivo apreender a Representação Social das adolescentes do gênero feminino acerca da sexualidade e da aids. Este fato envolve a jovem em sua totalidade, no seu autoconceito, na sua forma de agir e reagir diante do sexo e da aids, no destemor ou medo, nos estereótipos e preconceitos, nas noções que estão subjacentes, organizações interpretativas que orientam, justificam e determinam condutas e comunicações.

## MÉTODOS

### Participantes

A amostra foi não-probabilística, intencional e acidental, constituída de 110 adolescentes, do sexo feminino, com idade entre 12 e 19 anos, inseridas no contexto escolar, sendo 60 de escolas públicas e 50 de escolas privadas, localizadas na cidade de João Pessoa/PB.

### Instrumento

Na coleta dos dados foi utilizada a Técnica de Associação Livre de Palavras, que consiste num tipo de investigação aberta, estruturada na evocação de respostas dadas com base em um ou mais estímulos indutores. Utilizaram-se como estímulos as palavras: eu mesmo (1); adolescência (2); sexualidade (3); aids (4) e prevenção (5), nesta ordem. Esta técnica permite a evidência de universos semânticos de palavras que agrupam determinadas populações, ou ainda, permite a utilização de elementos implícitos ou latentes que seriam perdidos ou mascarados nas produções discursivas.<sup>13</sup> É importante ressaltar que este instrumento já foi validado em Pesquisas de Representações Sociais.<sup>14</sup>

#### Procedimento de coleta de dados

Inicialmente, o projeto foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do CCS (Centro de Ciências da Saúde) da UFPB, com o intuito de seguir os parâmetros éticos, tendo como base a Resolução nº 196/96 e recebendo parecer aprovado. Após autorização por escrito da diretoria das escolas, a pesquisa foi apresentada aos alunos que primeiramente foram informados acerca do estudo e esclarecidos quanto ao caráter voluntário da sua participação, sendo solicitados a assinarem um termo de consentimento e, em seguida, foi iniciada a aplicação do instrumento de maneira coletiva por dois pesquisadores, previamente treinados e qualificados. É válido mencionar que não foi verificada nenhuma recusa por parte dos adolescentes em participar da presente pesquisa.

Antes da aplicação dos estímulos já mencionados, foi feita uma simulação utilizando um exemplo, com o intuito de familiarizar as participantes com a funcionalidade do instrumento. Em seguida, foi apresentado o 1º estímulo indutor, seguindo-se a questão, “o que lhe vem à mente (cabeça) quando digo a expressão eu mesmo? Fale as primeiras palavras que, para você, lembram características suas”. O mesmo procedimento foi utilizado nos outros quatro estímulos (2 – adolescência, 3 – sexualidade, 4 – aids e 5 – prevenção).

#### Análise dos dados

Os dados coletados foram processados por meio do *software Tri-Deux-Mots*, método desenvolvido por Cibois,<sup>15</sup> versão 2.2, que permite a visualização gráfica tanto das variáveis fixas (idade e tipo de escola) como das variáveis de opinião, crenças, estereótipos, enfim, o conhecimento prático, enunciado pelos participantes diante dos estímulos indutores e analisados pela Análise Fatorial de Correspondência (AFC).

O princípio básico da AFC consiste em destacar eixos que explicam as modalidades de respostas, mostrando estruturas constituídas de elementos do campo representacional, ou seja, os conteúdos apreendidos nos discursos das adolescentes diante dos estímulos indutores.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

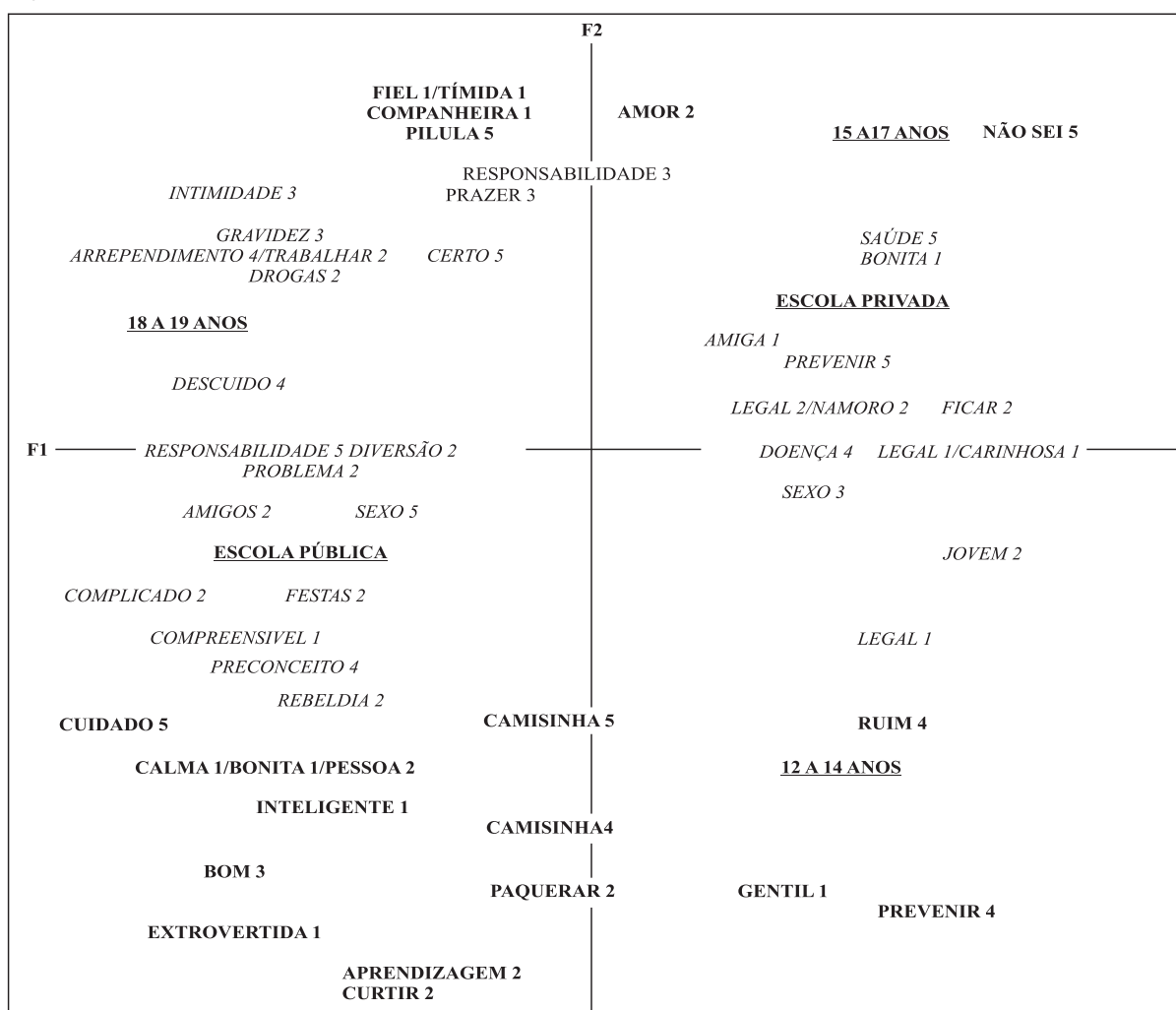
Os resultados coletados por meio do teste de associação livre de palavras, enquanto instrumento de apreensão de significados do conhecimento prático, possibilitaram, com as variáveis fixas, a emersão de campos semânticos sobre a auto-imagem, adolescência, sexualidade, AIDS e prevenção, conforme pode ser observado no plano fatorial, pelos dois fatores nele contemplados (F1 e F2).

O Fator 1 (F1) na linha horizontal, em itálico, é o de maior poder explicativo, com 59,8% da variância total das respostas. O fator 2 (F2), na linha vertical, em negrito, possui 24% da variância total das respostas. Na totalidade, os dois fatores têm poder explicativo de 83,8% de significância, possuindo, portanto, parâmetros estatísticos com consistência interna e fidedignidade,

tendo em vista pesquisas realizadas no âmbito das Representações Sociais.<sup>16</sup>

Observa-se no lado esquerdo do gráfico, em itálico, o campo semântico referente ao estímulo 1 – eu mesmo – elaborado pelas adolescentes de escolas públicas com idades entre 18 e 19 anos que fizeram emergir por meio de suas falas apenas a palavra *compreensível*. Já para as adolescentes de escolas privadas, observado no lado direito, também em itálico, elas se representaram como *amiga, bonita, legal e carinhosa*, aspectos ausentes na auto-imagem das adolescentes de escola pública. Contudo, percebe-se que a representação de si mesmas, em ambos os grupos, reflete uma auto-estima elevada, sendo um aspecto positivo na vida destas meninas, pois, supõe-se que se amem mais e conseqüentemente se cuidem mais.

**Gráfico 1** – Representações Sociais de adolescentes do gênero feminino – eu mesmo(1), adolescência(2), sexualidade(3), Aids(4) e prevenção(5)



**LEGENDA**

PLANO FATORIAL		VARIÁVEIS DE OPINIÃO	
		<b>Estímulos Indutores</b>	
F1 – Eixo Horizontal a esquerda e direita, itálico.		1 = Eu Mesmo   2 = Adolescência	
F2 – Eixo Vertical superior e inferior, negrito.		3 = Sexualidade   4 = Aids   5 = Prevenção	
VARIÁVEIS FIXAS			
<b>Faixa etária</b>		<b>Tipo de escola</b>	
12 a 14 anos - em negrito, sublinhado.		Escola pública - em negrito, sublinhado	
18 a 19 anos - em negrito, sublinhado.		Escola privada - em negrito, sublinhado	



A Representação Social das adolescentes do gênero feminino, acerca de si mesmas, comprova que agrupamentos sociais se diferenciam e se representam de acordo com traços identificatórios sexuais, além de outros como raciais, nacionais, éticos etc. As adolescentes expressaram como marca identitária a subjetividade, quando se autoconceituaram como legal, amiga, compreensível e carinhosa. Esta representação reflete a sensibilidade considerada uma virtude feminina, não facilmente encontrada nos homens.

Esta distinção de gênero relacionada à representação de si mesmo, é enfatizada por Adelman e Silvestrin,<sup>17</sup> como um choque de subjetividades que se expressa em expectativas e disposições diferentes e na exploração do repertório emocional das mulheres, que se mantém numa situação de vulnerabilidade afetiva, na medida em que se entregam à tarefa de satisfazer as necessidades afetivas dos outros, num contexto de falta de reciprocidade

No segundo fator (F2), representado pela linha vertical, a idade entre 15 e 17 anos na parte superior, e 12 e 14 anos, na parte inferior, não considerando o tipo de escola. As adolescentes entre 15 e 17 anos se “auto representam” como *fiel, tímida e companheira*. Já aquelas entre 12 e 14 anos se caracterizam como *calma, bonita, inteligente, gentil e extrovertida*.

Considerando a idade, os dados coletados demonstraram que as adolescentes mais velhas (15 a 17 anos) se representaram demonstrando autoconfiança em comparação às mais jovens. Este dado, de acordo com Outeiral,<sup>18</sup> enfatiza que o final da adolescência tem como parâmetro a aquisição de uma maior estabilidade no que diz respeito à identidade, aos relacionamentos e ao humor, podendo haver ainda a possibilidade de escolha de uma profissão, em busca da independência econômica, e da consolidação da sexualidade.

Já as adolescentes entre 12 e 14 anos se representaram como pessoas que encaram a vida de maneira mais lúdica, demonstrando nitidamente a fase de transição que estão vivenciando, fator que demonstra a necessidade de um apoio familiar e escolar. Observa-se neste período, a valorização da família e da escola como uma fonte de apoio social, conceituado por Pietrukowicz,<sup>19</sup> como um processo de interação entre pessoas ou grupos, que por meio do contato sistemático estabelecem vínculos de amizade e de informação, contribuindo para o bem-estar físico e mental.

O conceito de si mesmo constitui um dos elementos integrantes da identidade pessoal, sendo não apenas um conceito, mas um conjunto de representações, de juízos descritivos e valorativos a respeito do próprio sujeito. Em pesquisa realizada por Assis, Avanci e colaboradores,<sup>8</sup> sobre a Representação Social do ser adolescente, foram encontrados resultados semelhantes, ou seja, os dados indicaram que os adolescentes têm uma visão muito positiva de si próprios, conjugando a idéia de alegria/bom humor/extroversão e satisfação com o corpo, a despeito da visão que os adultos e a sociedade em geral têm deles.

De acordo com Andrade,<sup>20</sup> a identidade é um conjunto de representações, sentimentos e opiniões que o sujeito tem sobre si mesmo. Para tanto, o sujeito constrói seu lugar e assume suas posições na sociedade pela apropriação da cultura e das instituições sociais mediadas pelo outro. Neste sentido, pode-se enfatizar que a identidade destas adolescentes se forma no jogo das relações sociais na medida em que estas se apropriam de regras, valores, normas e formas de pensar de sua cultura.

Em relação ao estímulo indutor 2 – adolescência – as adolescentes da escola pública a representaram como *fase de diversão, drogas, amigos, festas, trabalho e complicada*. A adolescência foi representada pelas jovens de escolas privadas como uma fase do desenvolvimento *legal*, que é boa para *ficar e de namoro*, pois é vista como uma fase *jovem*. Verifica-se, com estas representações, que a adolescência é ancorada como uma fase que oferece prazer, diversão, malícia, liberdade, riscos e aventuras, demonstrando-se socialmente imatura, tanto para a sexualidade, quanto para a responsabilidade social. Estes aspectos demonstram a vulnerabilidade social em que as jovens se encontram, pois, de acordo com Strauch,<sup>1</sup> as adolescentes não apenas se sentem atraídas pelo risco, mas esse comportamento é uma evolução natural e necessária em seu desenvolvimento.

Esta maneira de representar a adolescência, ancorada ao namoro e ao ficar, são questões cada vez mais abordadas nos estudos sobre relacionamentos afetivos na adolescência. Este dado demonstra a construção social do relacionamento amoroso das adolescentes, tomando como perspectiva que, em cada época, conforme enfatiza Silva,<sup>2</sup> as manifestações sexuais e amorosas, proclamadas como ideais ou não, também são reflexo das transformações sociais e culturais que os indivíduos vivem.

Levando em consideração o fator 2, nas adolescentes entre 15 e 17 anos, verificaram-se neste mesmo estímulo, representações como *amor* no seu discurso, enquanto aquelas entre 12 e 14 anos representaram esta fase como um período de *curtir, paquerar*, mas também um período de *aprendizagem*, aspectos que retratam a adolescência como um período de grandes conflitos e descobertas. Por essa apreensão pode-se supor que as adolescentes, à medida que amadurecem, vão modificando sua forma de pensar, encarando a adolescência não mais como algo tão superficial, como a curtidão e a paquera, mas considerando um sentimento mais profundo quando fazem emergir o amor como forma de representar esta fase. Em contrapartida, estas jovens, mesmo dando pouca ênfase, também expressaram a aprendizagem como forma de representar esta fase. Supõe-se que a aprendizagem emergiu, por essa fase ser o início da preparação para o vestibular, bem como um período de descobertas.

No fator 1, emergem os elementos relacionados ao terceiro estímulo indutor – sexualidade – em cujas representações entre adolescentes de escolas públicas emergiu a sexualidade objetivada a *intimidade e gravidez*. Já para as meninas das escolas privadas, a sexualidade foi representada apenas com o surgimento da palavra *sexo*. Este aspecto demonstra uma preocupação por parte das adolescentes das escolas públicas acerca da gravidez, cujo conteúdo foi ausente na representação das meninas estudantes das escolas privadas. Talvez esta preocupação esteja relacionada à vivência tão presente de um aumento na taxa de natalidade da classe socioeconômica na qual estão inseridas estas garotas.

Com relação ao fator 2, observou-se que as meninas entre 15 e 17 anos representaram a sexualidade como *prazer e responsabilidade*, enquanto as com idades entre 12 e 14 anos fizeram emergir apenas a palavra *bom*, como forma de representar a sexualidade. Mais uma vez, pode-se perceber o fator maturidade, pois considerando a idade, aquelas garotas mais “velhas” representam a sexualidade como algo que gera prazer, que é gostoso, mas também evidenciam a necessidade de se ter responsabilidade, aspecto inexistente na representação das meninas com menos idade.

O quarto estímulo indutor – aids – foi representado pelas adolescentes de escolas públicas e com idades entre 18 e 19 anos, como *descuido, arrependimento e preconceito*. As das escolas privadas fizeram emergir apenas a palavra *doença*. Já as adolescentes entre 12 e 14 anos, independentemente da escola, representaram a aids como algo *ruim*, e que necessita de *camisinha*. Nas adolescentes entre 15 e 17 anos não houve respostas significativas referentes a este estímulo. Verificou-se aqui, que as adolescentes de escolas públicas ancoram a aids ao arrependimento, como entendimento de que contrair aids é um caminho sem volta, tendo ainda como fator a objetivação do preconceito da sociedade para com as pessoas infectadas. Esta representação leva a supor que estas meninas têm informações necessárias para se prevenir contra a aids, visto terem citado no seu discurso a camisinha, além de demonstrarem entendimento acerca de suas conseqüências. Contudo, mesmo com este grau de informação, as pesquisas vêm demonstrando que o índice de jovens adolescentes com AIDS vem crescendo a cada dia. Uma das causas mencionada na literatura é o início sexual cada vez mais precoce, que, como afirma Candungo,<sup>23</sup> aliada à curiosidade pelas drogas, à gravidez na adolescência, à não adesão aos métodos contraceptivos e à afirmação grupal, os deixa cada vez mais suscetíveis aos riscos para as DST/aids.

Fazendo referência ao quinto estímulo indutor – prevenção – as adolescentes de escolas públicas, com idades entre 18 e 19 anos, a representaram como algo ligado ao *sexo, responsabilidade* e que *é certo*. As adolescentes de escolas privadas citaram as palavras *saúde e prevenir*, para representar a prevenção. Observou-se aqui que todas as adolescentes representam a prevenção como algo positivo e certo, contudo verificou-se algo mais profundo quando trazem a responsabilidade como fator preponderante neste contexto, demonstrando que a prevenção é um fator não só social, mas também uma opção individual.

No Fator 2 verificou-se que as adolescentes entre 15 e 17 anos representaram a prevenção como *pílula* e outras não souberam opinar. Já as com idades entre 12 e 14 anos fizeram emergir a *camisinha* como forma de prevenção. Assim, pode-se supor que todas as meninas aqui estudadas demonstraram uma preocupação não apenas direcionada às DST, quando afirmaram a importância do uso da camisinha, mas também a preocupação de uma possível gravidez, pois tanto no estímulo sexualidade quanto no estímulo prevenção, a gravidez e a pílula emergiram significativamente.

As variáveis de opinião que emergiram demonstraram a importância e a necessidade da prevenção das DST/aids, tendo como segurança a camisinha e, como conseqüência, a preservação da saúde. Os dados demonstram que as adolescentes fazem referência à prevenção como uma espécie de segurança pessoal, tendo conhecimento da necessidade de colocá-la em prática. Entretanto, em estudos desenvolvidos por Val,<sup>24</sup> acerca dos fatores relacionados à aids entre os estudantes do Ensino Médio, ou seja, adolescentes, os resultados demonstraram que as jovens têm certa distorção do que é realmente a prevenção da aids, tendo em vista que 50,6% das estudantes investigadas têm dúvidas de que a masturbação mútua seja uma prática sexual segura; a maioria tem conhecimentos corretos relacionados à aids, porém 50,5% ainda acreditam, erroneamente, que a doação de sangue pode contaminar o doador; 62,3% referem utilizar o coito interrompido na prevenção da aids e 30,4%, a pílula anticoncepcional; 53,2% consideram não correr nenhum risco ou pequeno risco para a aids, dentre outras questões que demonstram o grau de vulnerabilidade das jovens às DST/aids.

Esta lacuna existente entre o nível de conhecimento e a prática efetiva da prevenção também é demonstrada numa pesquisa de Taquete, Vilhena e Paula,<sup>10</sup> cujos resultados comprovaram que os adolescentes em geral sabem que o preservativo evita doenças e gravidez, mas mesmo assim não o usam. Neste estudo, a juventude apontou numerosas justificativas para não usar a camisinha no momento do ato sexual, tais como esquecimento, custos e desprazer na relação sexual.

Os resultados apreendidos por meio do Teste de Associação Livre de Palavras demonstraram que as Representações Sociais acerca da sexualidade e conseqüentemente da aids e sua prevenção encontram-se incorporadas principalmente ao prazer (busca natural nesta fase) e nas formas de contágio mais difundidas pelas campanhas, no caso a via sexual e as drogas.

O estudo de fenômenos sociais, como a sexualidade e a aids, permite contemplar, pela teoria das Representações Sociais, não apenas os saberes científicos a este respeito, como também o conhecimento elaborado espontaneamente no convívio social, que determina o pensamento social e as condutas das adolescentes diante deste fenômeno, no seu grupo de pertença e na sociedade de um modo geral. Neste sentido, verificaram-se contradições, similaridades, cognição, afeição, emoções, racionalidade e muitas outras condições que estão presentes no cotidiano das adolescentes e que podem torná-las mais vulneráveis à infecção pelo HIV/aids.

Dito de outra forma, os dados apreendidos entre estas jovens, acerca deste fenômeno, perpassam por conhecimentos do senso comum que intercalam com o instruído, de modo que a prática, enquanto multiplicador de atitudes preventivas, faz-se presente no conhecimento elaborado e compartilhado por este grupo de pertença.

Por meio destes resultados, pôde-se perceber que essa dinâmica que ocorre com o indivíduo nesta fase da vida está em constante interação com o meio, seja com a família, seja com a sociedade mais ampla.<sup>2</sup> Desta forma, os acontecimentos que são observados e vivenciados pela adolescente no seu meio social são de fundamental importância, pois exercem uma influência direta na formação de sua identidade sexual, bem como na consolidação de sua personalidade.

## CONCLUSÃO

No desenvolvimento da presente pesquisa, pretendeu-se verificar as representações sociais da sexualidade e da aids, elaboradas e compartilhadas por adolescentes do gênero feminino que estudam em escolas públicas e privadas, como também compreender os diversos aspectos psicossociais relacionados a esta fase do desenvolvimento, com o intuito de contribuir para um melhor conhecimento do senso comum referente à sexualidade da adolescente feminina.

Os dados obtidos revelaram as representações sociais das adolescentes do gênero feminino acerca da sexualidade e da aids, tendo uma associação com a prevenção desta doença na adolescência, ou seja, abordando questões da vulnerabilidade ao HIV/aids, levando-se em consideração os elementos das suas esferas cognitiva, afetiva e social.

Assim, os resultados demonstram que a aids está incorporada nos universos cognitivos e afetivos das jovens, que é apreendida a partir de símbolos e significados que compõem suas relações sociais e que articular representações sociais, relações de gênero,

vulnerabilidade e práticas de prevenção da aids é se defrontar com um todo não homogêneo, em que estão expressas contradições, similaridades, cognição, afeição, emoções, racionalidade e muitas outras condições que estão presentes no cotidiano das jovens adolescentes e que as tornam mais vulneráveis à infecção pelo HIV.

Mesmo sendo observado, nesta pesquisa, que as adolescentes têm conhecimento da aids e de suas formas de prevenção, deve-se levar em conta a importância dos programas de prevenção do HIV, devendo estes considerar aspectos psicológicos, socioeconômicos e culturais que interferem de maneira consistente na vulnerabilidade das jovens adolescentes diante desta doença, e não apenas gerar meios de informações flutuantes e sem ligação com a realidade vivida por alguns jovens. Este aspecto é esclarecido por Vieira, Guimarães e colaboradores,<sup>25</sup> quando enfatizam a necessidade do desenvolvimento de novas estratégias de intervenção dirigidas especialmente aos adolescentes em condições desfavoráveis de vida, os quais constituem o segmento populacional de maior vulnerabilidade às DST e à aids.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Carvajal G. Tornar-se adolescente: A aventura de uma metamorfose. Uma visão psicanalítica da adolescência. (2ª edição). São Paulo: Cortez; 2001.
- Waideman MC. Adolescência, Sexualidade, Aids. 2ª Ed.. São Paulo: Arte e Ciência; 2003.
- Coll C, Palácios J, Marchesi A. Desenvolvimento Psicológico e Educação – Psicologia Evolutiva. Vol. 1 Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.
- Cole M & Cole SR. O desenvolvimento da criança e do adolescente. Tradução: Magda França Lopes. 4ª Ed. Porto Alegre: Artmed; 2004.
- Campos MD. Psicologia da Adolescência. Petrópolis: Vozes; 2001.
- Assis SG, Avanci JQ, Santos NC, Malaquias JV, Oliveira RVC. A representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção de saúde. V8 n.3 Cia. Rio de Janeiro: Saúde Coletiva; 2003
- Canavarro MC, Pereira M, Morgado LM. A adolescência, a mulher e a SIDA; 2000.
- Heilborn ML. Sexualidade: o olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1999.
- Rieth F. A iniciação sexual da juventude de mulheres e homens. Horizontes Antropológicos. 2002; 8(17): 77-91.
- Taquette SR, Vilhena MM, Paula MC. Doenças Sexualmente Transmissíveis e Gênero: Um estudo transversal com adolescentes no Rio de Janeiro. Cad. Saúde Pública 2004; 20(1): 282-290.
- Silveira MF, Béria JU, Horta BL, Tomasi E. Autopercepção de vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis e aids em mulheres. Rev Saúde Pública 2002; 36(6): 670-7.
- Alves RN, Kovács MJ, Stall R, Paiva V. Fatores psicossociais e a infecção por HIV em mulheres, Maringá, PR. Rev Saúde Pública 2002; 36(4 Supl): 32-9
- Abriç JC. A abordagem estrutural das representações sociais. In MASP Moreira & Oliveira DC (Orgs.). Estudos disciplinares de representações sociais. Goiânia: AB; 1998.
- Di Giacomo, JP. Alliance et rejets intergroupes au sein d'un mouvement de revendication. In: W. Doise & A Palmonari (eds) L'étude des représentations sociales, Paris: Delchoux & Niestle; 1986. p.118-138
- Cibois Ph. L'analyse factorielle Paris: PUF, Colecion "Que sais-je?", 1990.
- Nóbrega SM. Sobre a Teoria das Representações Sociais. In: Moreira ASPM, Jesuíno JC. Representações Sociais – Teoria e Prática. João Pessoa: Ed. Universitária, 2003.
- Adelman M, Silvestrin CB. Gênero Plural. Curitiba: UFPR, 2002.
- Outeiral J. Adolescer: estudos revisados sobre adolescência. Rio de Janeiro: Revinter; 2003.
- Pietrukowicz LC. Apoio social e religião: uma forma de enfrentamento dos problemas de saúde. Dissertação de mestrado. Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2001.
- Andrade MFSS. A Identidade como a representação e a representação como Identidade. In: MASP Moreira & Oliveira DC (Orgs.). Estudos disciplinares de representações sociais. 2ª Ed. Goiânia, Gia: AB, 2000. p. 141 – 149.
- Strauch B. Como entender a cabeça dos adolescentes. Tradução de Deyse Batista. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- Silva SP. Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes. Cad. Cedes, Campinas 2002; 22(57): 23-43.
- Candungo G. Infecções sexualmente transmissíveis e HIV/aids: conhecimento e crenças acerca dos riscos entre estudantes de nível médio de Lubango, Angola-África. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto; 2005.
- Val LF. Estudo dos fatores relacionados à aids entre estudantes do Ensino Médio. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo: São Paulo; 2001.
- Vieira MAS, Guimarães EMB, Maria ABMA. Fatores associados ao uso do preservativo em adolescentes do gênero feminino no município de Goiânia. DST – J bras Doenças Sex Transm 2004; 16(3): 77-83.

### Endereço para correspondência:

**REGINA LÍGIA WANDERLEI DE AZEVEDO**

Endereço: Rua Rosa Lima dos Santos, 132, Apt. 201. Bancários João Pessoa/PB CEP: 58051-590

Tel: 55 083 3235-8274 / 8804-6072

E-mail: regina.azevedo@gmail.com

Recebido em: 17/11/2006

Aprovado em: 13/01/2007